

Um estudo sobre o cotidiano de haitianas grávidas e os enfrentamentos no acesso ao sistema público de saúde em Porto Alegre.

Aliziane Kersting PBIC/CNPQ
Orientadora: Dr^a Denise F. Jardim



A pesquisa faz parte do projeto Identidades e Passaportes: minorias étnicas e cidadania, coordenada pela Antropóloga Professora Dra. Denise Jardim, integrante do NACi/UFRGS (Núcleo de Antropologia e Cidadania). Este estudo resulta de pesquisa etnográfica sobre estratégias e narrativas junto a um grupo de migrantes haitianas em Porto Alegre. O grupo estudado compreende 6 migrantes gestantes e seus cotidianos em postos de saúde, hospital, Centro de referência em assistência social (CRAS), Defensoria pública, etc.



Fonte: Soul Art

Objetivo

Investigar que estratégias um grupo de haitianas grávidas constroem para dar conta do fluxo da vida nesse novo país e como essas estratégias problematizam os próprios procedimentos burocráticos de acesso a direitos sociais brasileiros.

Metodologia

Este trabalho faz uso de uma metodologia qualitativa, baseada no método etnográfico, dando ênfase na observação participante. A metodologia também é orientada por uma perspectiva feminista, contribuindo para o debate acerca da migração feminina e suas complexidades.

Questões problematizadas

A pesquisa etnográfica permite problematizar a forma como essas mulheres percorrem as dinâmicas burocráticas de acesso a saúde e segurança social e como são recebidas. Embora o Estado e seus sistemas de saúde e assistência social atuem dentro da lógica de territórios (Jardim, 2014, p.2), nossas interlocutoras não conseguem encontrar no bairro de moradia as soluções previstas. Acessar recursos como exames de pré-natal, conseguir passagens de ônibus ou mesmo ter acesso a informações faz-se dentro de um malabarismo de atores sociais, podendo afirmar que as estratégias passam mais por uma construção de redes de solidariedade entre os vizinhos do que pelo cumprimento de um protocolo claro e efetivo. Assim, buscamos entender, a partir das leituras de Abdelmalek Sayad (1991), que desafios esses migrantes vistos como força de trabalho provisório, representam às políticas públicas. A partir da análise dessa experiência nos caminhos de acesso a cidadania podemos fazer uma crítica a nossas instituições e como o caminho antropológico pode passar por uma mediação de atores e, para além da crítica, uma capacitação para um diálogo cultural (Geertz, 1991, p. 84).



Foto 1. Chá de fraudas do grupo de haitianas.

Caminante no hay camino

Se hace camino al andar

Al andar se hace camino

Y al volver la vista atrás

Se ve la senda que nunca

Se ha de volver a pisar

Caminante no hay camino

Sino estelas en la mar.

(Trecho da música Caminante no hay camino, de Joan Manuel Serrat)

Bibliografia:

Geertz, Clifford. Os usos da diversidade. In: GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.p.68-85
Jardim, Denise. Os caminhos do cadastro e outros obstáculos da visibilização do imigrante no Brasil. 2014.
Sayad, Abdelmalek. "A Pobreza exótica": A imigração argelina na França". RBCS. N. 17, out. 1991.